

EQUACIONANDO O GÊNERO

PERSPECTIVAS ACADÊMICAS DA VIOLÊNCIA

Andressa Conterno Dal Magro¹

Fernanda Zorzi²

RESUMO

Este trabalho é oriundo de situações de violência vivenciadas no ambiente acadêmico, bem como por reflexões construídas durante o curso de extensão organizado pelo grupo de pesquisa MatematiQueer da Universidade Federal do Rio de Janeiro: “Estudos de Gênero: o que a matemática tem a ver com isso?”. Experiências que desencadearam a pergunta norteadora da pesquisa: “Quais as narrativas entre gênero e matemática para estudantes e graduados na matemática?” e que apresenta como objetivo principal identificar as discriminações enfrentadas por discentes e graduados em matemática. Bem como as possíveis relações entre gênero e matemática dentro e fora da sala de aula. Para esclarecer estas questões, este artigo aborda a pesquisa qualitativa, por meio de um formulário respondido por vinte e três estudantes e profissionais da matemática. As análises são efetuadas por meio das respostas dos participantes, dos meus conhecimentos e da história e conceituação do termo gênero; através da reflexão de autores como Scoot (1990), Foucault (1979) e Freire (1987). Os resultados deste estudo mostram que as narrativas de gênero dos participantes se concentram no binarismo homem x mulher e por vezes apresentam em suas definições conceitos de gênero do senso comum. Foi possível também perceber que assim como eu, outras pessoas, em sua predominância mulheres, também já sofreram algum tipo de violência no ambiente acadêmico. Já no que se refere às relações entre gênero e matemática, a habilidade na disciplina é consequência de dilemas sociais, políticos e econômicos, onde então é necessário incentivar todos os estudantes. Ainda, as possibilidades registradas para se trabalhar esta temática em sala de aula perpassa principalmente pela estatística, resolução de problemas, projetos e discussões com os discentes. A intenção por meio de discussões como as tratadas neste artigo é a de que a matemática possa realmente trabalhar a infinidade de conjuntos presentes na sociedade.

Palavras-chave: Gênero, Violência, Educação Matemática.

INTRODUÇÃO

A história da matemática traça uma narrativa na qual gêneros diferentes do masculino são apagados ou escritos em notas de rodapé. Narrativas que são reforçadas por um sistema normativo e neoliberal que propaga desigualdades e preconceitos por meio de diferenças

¹ Graduanda em Licenciatura em Matemática do IFRS - BG - andressadalmagro@gmail.com;

² Docente de Matemática do IFRS-BG. Doutora em Educação pela Unisinos - RS, fernanda.zorzi@bento.ifrs.edu.br.



salariais exorbitantes e pela utopia de cidadãos únicos e perfeitos. Ainda, este discurso é reproduzido em muitas escolas e universidades brasileiras, principalmente nas aulas de matemática em que apenas matemáticos homens são exaltados. Situação que pouco contribui para a divulgação mais diversa da matemática

Para além das estatísticas, esta pesquisa emerge de situações de cunho machista vivenciadas durante o curso de Licenciatura em Matemática. Uma destas situações, dentre outras, se deu no contexto da prática de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental, pois nessa ocasião, por diversas vezes, o docente regente da turma - homem, branco, inviabilizou o meu lugar de fala e minha autoridade perante os alunos. Tais situações suscitaram questionamentos de prováveis práticas recorrentes semelhantes a estas com outras pessoas, tais como colegas de trabalho e estudantes.

Essas vivências, dentre outras, originaram a pergunta desta pesquisa: “Quais as narrativas entre gênero e matemática para estudantes e graduados na matemática?”. O objetivo é identificar, entre os participantes, as discriminações enfrentadas por discentes e graduados em matemática, acerca da temática de gênero, bem como explorar as relações entre gênero e matemática dentro e fora da sala de aula. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório, realizada por meio de um formulário eletrônico, respondido por vinte e três estudantes e docentes da área da matemática. As narrativas foram analisadas na perspectiva da Bardin (2011) e de estudos de autores como Scoot (1990), Foucault (1979) e Freire (1987). O texto segue organizado da seguinte maneira: inicialmente, apresento a metodologia e os referenciais teóricos utilizados no estudo, na sequência os dados produzidos e por fim algumas considerações acerca dos resultados encontrados.

METODOLOGIA

A pesquisa abordou métodos qualitativos, onde fiz uso de um questionário - Apêndice A. A pesquisa foi respondida por 23 pessoas que acessaram o instrumento por meios eletrônicos, como *whatsapp* e *e-mail*. Este questionário permitiu analisar o que significa o termo gênero para os participantes, bem como se já enfrentaram violências de gênero no ambiente acadêmico. Ainda, foi possível compreender se os entrevistados consideram que o gênero masculino possui maior facilidade na aprendizagem da matemática em relação às



mulheres. Por fim, há uma análise acerca das possibilidades e exemplos para se trabalhar questões de gênero nas aulas de matemática.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com os estudos de Scott (1990) e do grupo de pesquisa MatematiQueer, especificamente os contidos no livro “Estudos de Gênero - O que a Matemática tem haver com isso?” (Esquincalha, 2024), o termo gênero é decorrente dos movimentos feministas. Grupo que no início da sua história teve como principal pauta o sufrágio. Cidadãs que se uniram e deram o primeiro passo em direção a emancipação dos oprimidos - jornada que perdura até os dias atuais.

Em meio às discussões feministas se intensificou o binarismo: certo x errado, pertencente x não pertencente, mulher x homem. No entanto, com o passar do tempo houve também a inclusão de outros indivíduos nas lutas feministas, bem como novas temáticas de discussões, no que então, essa dualidade, não apresenta propósito para a prosperidade do movimento. Dessa forma, foi incluído o termo gênero para justamente proporcionar a incorporação desses grupos e as suas legítimas pautas. Portanto, nessa situação o termo gênero serviu como uma unidade neutra dentro das lutas emancipatórias citadas. Significância que está presente inclusive nos dicionários da língua portuguesa: “Conceito **generalista** que agrega em si todas as particularidades e características que um grupo, classe, seres, coisas têm em comum” (Português, 2025, grifo nosso).

Ainda, pesquisadores, ao longo do tempo, perceberam que não é possível discutir as questões relacionadas às mulheres sem falar dos homens e das correlações com a cultura social e política. Ideia que dialoga com a narrativa de Scott (1990) que destaca que quando os observadores analisam como o “conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais”, eles começam a entender que a “natureza recíproca do gênero e da sociedade e as formas particulares e contextualmente específicas pelas quais a política constrói o gênero e o gênero constrói a política”. O que também retrata o pensamento do filósofo Michel Foucault (1979), onde o poder para ele é uma práxis social e histórica. Dessa maneira, entende-se que o poder não está presente somente em instâncias representativas, mas em toda parte, inclusive no ambiente acadêmico, nas salas de aula, e impreterivelmente na disciplina de matemática.

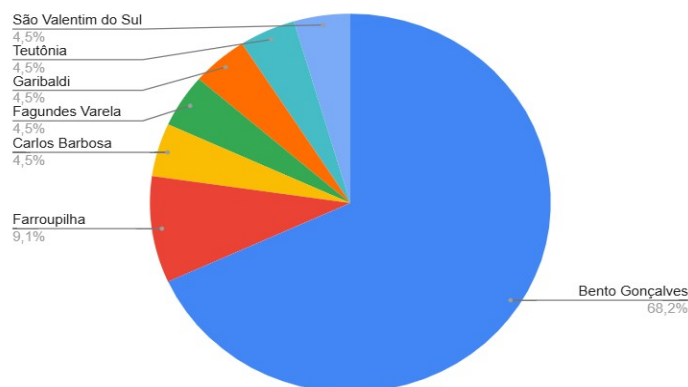


Paulo Freire (1987) em seus estudos sobre as relações de opressão, destaca que “as violências dos opressores” visam proibir o ser humano “de ser”. Analogia encontrada nas pesquisas acadêmicas sobre a pluralidade de constituição dos seres humanos e suas interações com o mundo. No entanto, ainda hoje, muitas vezes estas temáticas são ignoradas, no ambiente acadêmico. Nessa conjectura, o termo gênero entra, segundo Scoot (1990) para “obter o reconhecimento político deste campo de pesquisa”, visando assim “a erudição e seriedade de um trabalho” e por meio então de uma “terminologia científica”, se distanciar “da política do feminismo”. Abrindo um caminho para que os oprimidos sejam e façam história e assinem o seu nome como sujeitos principais dessas narrativas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os participantes da pesquisa, em sua maioria, residem na cidade de Bento Gonçalves (68,2%) - Gráfico 1, onde fica situada a instituição em que eu curso a licenciatura em matemática. Cinquenta e nove vírgula um por cento dos respondentes se autodeclaram do gênero feminino - Gráfico 2. Ainda, quase a totalidade (95,7%) dos entrevistados cursam ou já são formados em licenciatura em matemática - Gráfico 3.

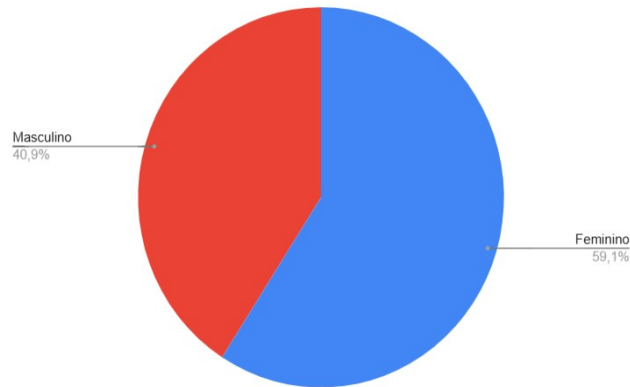
Gráfico 1 - Municípios de Residência dos Participantes da pesquisa



Fonte: Acervo da autora

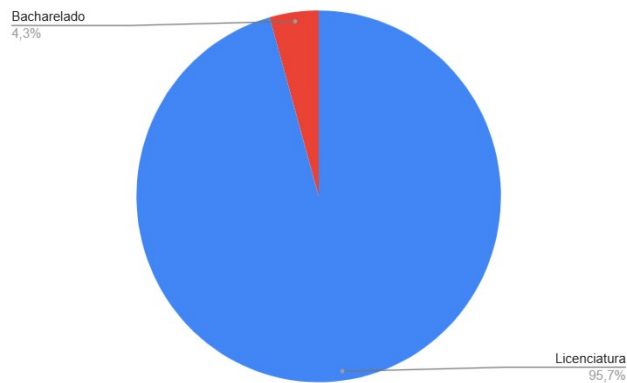


Gráfico 2 - Gênero dos participantes da pesquisa



Fonte: Acervo da autora

Gráfico 3 - Curso de graduação dos participantes da pesquisa



Fonte: Acervo da autora

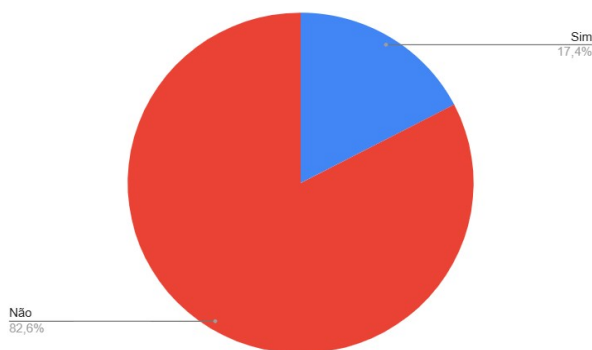
Ao analisar as respostas dos participantes, os resultados foram sistematizados em duas categorias: matemática do ultraje e gênero e matemática - uma operação fundamental.

Matemática do Ultraje

Nesta categoria foi retratado que dezessete vírgula quatro por cento dos participantes da pesquisa responderam que já sofreram algum tipo de violência no ambiente acadêmico - Gráfico 4. É importante salientar que todas as respostas afirmativas foram dadas por pessoas que se identificam como sendo do gênero feminino.



Gráfico 4 - Violência



Fonte: Acervo da autora

Nos relatos as cidadãs apresentaram questões que se relacionam com o número de mulheres presentes nos cursos de matemática e impetuosidades éticas, morais e de poder.

Sim, pois a maioria dos meus colegas eram homens. (P7)

Sim, diminuição por ser mulher tratamento obviamente diferente sendo deixada de lado por não dar "liberdade", não ter o mínimo de respeito por meus projetos e ter que falar muitas vezes a mesma coisa e ser ignorada. São coisas que podem ser consideradas pequenas, mas a soma de pequenas coisas esgota. (P11)

Descrições que se aproximam de forma minuciosa do que eu vivenciei no Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental e em outros momentos durante a minha vida acadêmica. Pode - se citar por exemplo, o fato de duvidarem do nosso potencial e precisarmos falar diversas vezes a mesma coisa e ainda assim sermos ignoradas ou silenciadas. Situação ocorrida durante a docência compartilhada do Componente Curricular de Metodologia do Ensino Fundamental, do Curso de Licenciatura em Matemática, na escola campo: eu precisei sugerir inúmeras atividades ao professor regente da turma para em seguida apenas ouvir um “sim, vamos vendo e conversando sobre” - conversa que se transformou em descaso. Já durante o estágio, o professor permaneceu em sala de aula o tempo todo, com o intuito de auxiliar na gerência da turma. No entanto, ao longo das aulas o que se sobressaíram foram atitudes desrespeitosas e a anulação da minha autoridade em sala de aula. Conjetura que se verificou em atitudes como a de conversar com os alunos em momentos inapropriados, autorizar ou desautorizar que o estudante faça ou deixe de ir em determinado lugar ou ainda escrever parabéns nas provas que eu havia corrigido e entregue aos discentes.

Sofremos violências desse tipo cotidianamente, seja ao apresentarmos uma ideia, um projeto, como exposto pelas entrevistadas, ou simplesmente por sermos mulheres. Vivências que desencadeiam nas vítimas uma aflição e o ávido enfrentamento aos estereótipos e violências com re-existência resistente.



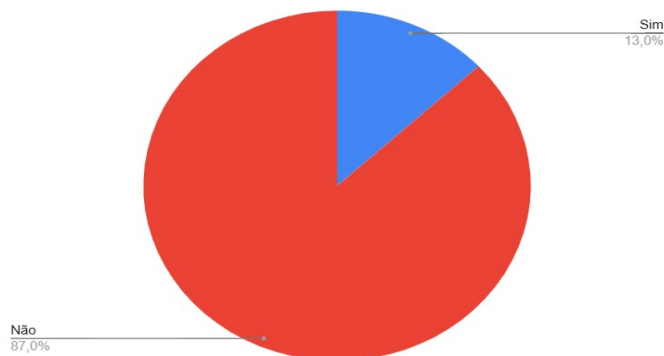
Podemos pensar até aqui que o simples fato de ser mulher, em sua pluralidade, já transgrida a história. Como professoras de matemática, assimilamos as barreiras sociais que enfrentamos. Quase sempre sentimos a necessidade de nos mostrar competentes onde quer que trabalhemos, seja para gestão, para os alunos ou para colegas de profissão. Por mais que pensemos que estamos livres desse sentimento, ele existe em nós porque nós existimos como seres de resistência no contexto social no qual nos encontramos (Luna; Barros, 2024).

Os estudos que realizei sobre essa temática me levaram a refletir que, provavelmente, uma das razões pelas quais as mulheres passam a ter que reiterar com mais afinco as suas aptidões, seja o jogo de poder existente na sociedade e proliferado pelo sistema normativo e neoliberal que impõe papéis sociais pré-determinados que variam conforme o gênero da pessoa. Como retratado pela Butler (2002, p. 64): “O gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime, os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva”. Aspecto que muitas vezes é articulado por meio de situações de violência no ambiente acadêmico, com aquelas citadas pelas entrevistadas P7 e P11. Possivelmente desta forma as mulheres acabam por se questionar se estão no local correto e muitas vezes acabam por abdicar do seu ser mais íntimo.

4.2 Gênero e Matemática - Uma Operação Fundamental.

O objetivo nesta categoria é analisar como os participantes da pesquisa enxergam as possíveis relações entre gênero e a educação matemática. Para a maioria deles (87%) os meninos não possuem maior facilidade na matemática do que as meninas - gráfico 5.

Gráfico 5 - Os Meninos e a Matemática



Fonte: Acervo da autora



Segundo os participantes, a habilidade matemática depende do incentivo e oportunidades que o aluno recebe, da sua condição social e econômica. Neste ponto é importante mencionar o trabalho não remunerado, ou seja, os serviços domésticos, que, devido novamente ao sistema normativo e neoliberal em que vivemos, as mulheres são ensinadas desde cedo que devem exercer estas tarefas, enquanto que os meninos ficam livres para jogar videogames, estudar, descansar, entre outras atividades de lazer.

Não, acredito que todos tanto meninos quanto meninas têm a mesma capacidade para aprender, porém os homens têm mais oportunidades. (P3)

Não, só acho que os meninos são mais incentivados. (P11)

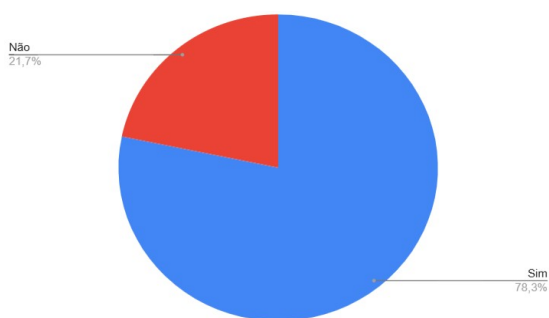
Com base nos relatos apresentados e nas leituras efetuadas para esta pesquisa é possível refletir acerca de quais corpos, enquanto educadores, permitimos que ocupem as ciências exatas? Quem recebe o nosso incentivo para participar de olimpíadas? Ole Skovsmose (2014, p. 2025), nos faz refletir ao indagar o que potencializamos ou despontencializamos nas aulas de matemática. Nós enquanto educadores não podemos utilizar a matemática para manter um poder e segregar ainda mais a sociedade.

A educação matemática não tem uma essência [política]. Isso não quer dizer, contudo, que ela seja neutra. Em certas situações, seus efeitos podem ser desastrosos, em outros maravilhosos. [...] A educação matemática pode cumprir diversas funções, que são difíceis de classificar em um esquema simplista de bom ou ruim. A educação matemática pode potencializar de diversas formas. Pode ser potencializadora para uns e despontencializadora para outros. Potencializadora para aqueles que buscam adquirir competências valorizadas pelo mercado de trabalho. E despontencializadora na medida em que reforça um comportamento de adequação e obediência a regras (Ole Skovsmose, 2014, p.25).

Dentro desta perspectiva de sala de aula, a maior parte (78,3%) dos participantes da pesquisa declararam que acreditam que é possível trabalhar questões de gênero nas aulas de matemática - gráfico 6 e relataram, com maior ênfase, que pode-se fazer uso da estatística, de discussões com os alunos e por meio da metodologia de projetos e resolução de problemas que evidenciem o assunto.



Gráfico 6 - Gênero nas Aulas de Matemática



Fonte: Acervo da autora

1. Problemas contextualizados com dados reais sobre gênero. 2. Destacar mulheres matemáticas e cientistas. 3. Atividades de percepção e autorreflexão. (P1)

Não tenho ideias concretas. Mas poderíamos separar a turma em grupos de meninas e grupos de meninos, e entregar enigmas matemáticos, que envolvam equações, que seja, e fazê-los resolver. Após isso, os alunos devem ir ao quadro e escrever como fizeram a questão. Após isso, a professora deve abordar um pouco sobre questão de gênero, mostrando que garotas também podem fazer as coisas sozinhas, e que também sabem fazer, assim como garotos podem fazer sozinhos, e isso não significará que um é melhor que o outro, mas sim, seres que pensam. Mas ainda não tenho opinião formada, porque eu mesma sou um pouco leiga no assunto. (P.8)

Como retratado pela participante P8, o assunto de gênero nas escolas e em específico na disciplina de matemática ainda é algo pouco debatido; tendo ganhado força por meio de grupos de pesquisa como o MatematiQueer, mas que ainda precisam enfrentar um longo caminho de preconceitos, machismos, *fake news* e escassez de formações para se legitimar enquanto campo primordial da educação básica. Por este motivo e por respostas desprovidas de consciência de classe, política e social que foram expressadas, em sua maioria por pessoas que se identificaram como sendo do gênero masculino (80%), que o assunto gênero não deve ser trabalhado em sala de aula, especialmente na disciplina de matemática.

Devemos seguir o que Deus nos orienta pela Bíblia. (P5)

Contexto da criação: homem e mulher. Soma e multiplicação da família. Além da estrutura genética na biologia, entre outros. (P15)

Poderia ser trabalhado, mas há questões mais importantes a serem trabalhadas. (P19)

Respondi que não, porque estas questões devem ser tratadas diretamente com pessoas que estão com dificuldade de se entenderem. Levando em consideração que



nem todos têm interesse em dispensar tempo com assuntos específicos de outras disciplinas ou de pessoas. (P22)

Fica evidente nas narrativas o binarismo homem x mulher que de acordo com as leituras efetuadas para esta pesquisa e expressas no referencial teórico, este argumento, bem como o envolvimento da religião nesta pauta, já estão obsoletos. Afinal, atualmente existem diversas maneiras de ser família, inclusive de acordo com os dados do CENSO 2022 divulgados pelo IBGE, cerca de 13,5%, o que equivale a 7,8 milhões, das composições familiares são de mulheres cuidando dos filhos sem a presença do cônjuge ou de outros parentes. Também ficou claro que muitos dos participantes desta pesquisa não compreendem o conceito histórico e literal de gênero. Ademais, a matemática, apesar da mídia e do senso comum defenderem o oposto, não apresenta resultados precisos e análogos, nem sempre um mais um é igual a dois, na verdade essas igualdades díspares com frequência pendem para um determinado lado: o da exclusão, conservação de uma hegemonia e em opressões para com aqueles que estão em insurreição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao problematizar as narrativas de gênero dos participantes e verificar que elas se concentram no binarismo homem x mulher e por vezes apresentam em suas definições conceitos de gênero expressos pelo senso comum, carregadas de preconceitos, pude perceber que assim como eu, outras pessoas, em sua predominância mulheres, também já sofreram algum tipo de violência no ambiente acadêmico, como por exemplo agressões morais, políticas e físicas.

Já no que se refere às relações entre gênero e matemática, ficou evidente que para a maioria dos respondentes, a habilidade na disciplina é consequência de dilemas sociais, políticos e econômicos e que é necessário incentivar e apoiar todos os estudantes. Ainda, as possibilidades registradas para se trabalhar esta temática em sala de aula perpassa principalmente pela estatística, resolução de problemas, projetos e discussões e reflexões com os alunos. Além disso, é fato que são necessárias formações continuadas de professores acerca desse assunto, para que assim ele possa efetivamente ser trabalhado de forma crítica em sala de aula. Afinal, como expressado por Louro (1995, p.103), “gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais [...]”. Em todas essas



afirmações está presente, sem dúvida, a ideia de formação, socialização ou educação dos sujeitos, portanto são discussões que competem, entre outros órgãos, à escola e às instâncias de formação docente: gênero é assunto para se discutir no contexto escolar e acadêmico, sim!

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Almedina, 2011.

BUTLER, Judith. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Merida. **Sexualidades transgressoras**. Una antología de estudos queer. Barcelona: Icária editorial, 2002, p. 55-81

ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição (org.). **Estudos de Gênero o que matemática tem a ver com isso?**: conversas iniciais com licenciandes e docentes que ensinam matemática na educação básica. Brasília: Sbem, 2024. Vários Autores. Disponível em: <https://www.sbembrasil.org.br/ebook/SBEM_Ebook26.pdf/>. Acesso em: 09 dez. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. Tradução de Roberto Machado. Disponível em: <https://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A_Microfisica_do_Poder_-_Michel_Foulcault.pdf/>. Acesso em: 09 dez. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf/>. Acesso em: 09 dez. 2025.

IBGE. Luiz Bello. **Censo 2022: pela primeira vez, menos da metade das famílias do país são formadas por casais com filhos**. 2025. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/44960-censo-2022-pela-primeira-vez-menos-da-metade-das-familias-do-pais-sao-formadas-por-casais-com-filhos/>>. Acesso em: 09 dez. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 101-132, 1995.

LUNA, Jéssica Maria Oliveira de; BARROS, Renata Arruda. FEMINISMOS E MULHERES NA MATEMÁTICA. In: ESQUINCALHA, Agnaldo da Conceição (org.). **Estudos de Gênero: o que matemática tem a ver com isso?**. Brasília: Sociedade Brasileira de Educação Matemática, 2024. p. 65-79. Disponível em: <https://www.sbembrasil.org.br/ebook/SBEM_Ebook26_.pdf/>. Acesso em: 09 dez. 2025.

SKOVSMOSE, Ole. **Um convite à educação matemática crítica**. Campinas: Papirus, 2014.

PORTUGUÊS, Dicionário Online de. **Gênero**. 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/genero/>. Acesso em: 30 nov. 2025.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. **Educação e Realidade**, v. 15, n. 2, 1990. Tradução de Guacira Lopes Louro.



APÊNDICE A

Roteiro de Entrevista – Gênero e Matemática

Esta pesquisa está sendo desenvolvida no componente curricular de estágio no ensino fundamental do curso em Licenciatura em Matemática do IFRS – Campus Bento Gonçalves e possui como objetivo identificar as discriminações enfrentadas por graduados e formados em matemática ou em licenciatura em matemática e as possíveis relações entre gênero e matemática.

1. Você é de qual cidade?
2. Qual o seu gênero?
3. Você é formado ou cursa:

 Licenciatura

 Bacharelado
4. Você já enfrentou algum tipo de discriminação relacionada ao seu gênero na sua vida acadêmica? Se sim, descreva-as.
5. Você pretende seguir carreira acadêmica (mestrado, doutorado, especialização) em matemática ou em educação matemática?

 Sim

 Não

 Não sei ainda
6. Você concorda que meninos tem mais facilidade para aprender matemática? Por quê?
7. Você acredita que é possível trabalhar questões de gênero nas aulas de matemática?

 Sim

 Não
8. Se você respondeu que sim para a pergunta anterior, você teria sugestões de como trabalhar estas questões?

